

## 8. Sinais do Reino e a Nova Vida: Muito Além do Milagre na Porta Formosa (At 3:1-4:4; Dt 18:15; Jo 6)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 20/11/2025 09:03

### O Cenário do Milagre: A Cura na Porta Formosa

A narrativa bíblica presente no livro de Atos dos Apóstolos nos conduz de um momento de grande efervescência espiritual, o Pentecostes, para o estabelecimento da rotina da igreja primitiva. Após a conversão de quase três mil pessoas, o texto de Lucas, no capítulo 3, direciona o foco para um evento singular que desencadearia uma nova expansão da fé cristã: a cura de um homem coxo à porta do templo.

É fascinante observar o contexto histórico e religioso descrito. Pedro e João subiam ao templo para a oração das três horas da tarde. Este detalhe revela que, naquele momento inicial, a fé em Jesus não era vista como uma religião separada ou desligada do judaísmo. Os primeiros cristãos eram percebidos — e agiam — como um movimento de renovação dentro da própria fé judaica, mantendo seus costumes de oração e frequência ao templo.

Neste cenário cotidiano, encontrava-se um homem coxo de nascença. Mais adiante, no capítulo 4, as escrituras revelam que este homem tinha mais de 40 anos (Atos 4:22). Ele era colocado diariamente na porta do templo, conhecida como "Formosa", para pedir esmolas.

*"E era trazido um homem que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam." (Atos 3:2)*

A localização exata da "Porta Formosa" gera debates entre estudiosos. Alguns sugerem que seria a porta de Susa (Portão Dourado), que dava acesso direto ao Pátio dos Gentios; outros acreditam que seria a porta de Nicanor, que separava o Átrio das Mulheres do Átrio de Israel. Independentemente da arquitetura exata, o fato central é a visibilidade: aquele homem era uma figura pública e notória. Devido à sua idade e à frequência com que era deixado ali, é provável que a grande maioria dos frequentadores do templo — incluindo os próprios apóstolos e, possivelmente, Jesus durante seu ministério terreno — já tivessem cruzado com ele inúmeras vezes.

No entanto, aquele dia reservava algo distinto. Ao pedir uma esmola, o homem recebeu uma resposta inesperada de Pedro. O apóstolo não ofereceu recursos financeiros, mas algo que transcendia a materialidade:

*"Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda." (Atos 3:6)*

O resultado foi imediato. O homem, cujos pés e tornozelos se firmaram, não apenas andou, mas saltou e entrou no templo louvando a Deus. A comoção foi geral. O povo, ao reconhecer aquele que por décadas pedia esmolas, foi tomado de espanto e admiração, correndo para o local conhecido como Pórtico de Salomão. O palco estava montado não apenas para celebrar um milagre físico, mas para uma confrontação teológica necessária.

### A Reação da Multidão e a Verdadeira Fonte de Poder

A cura do homem coxo gerou um alvoroço imediato. O texto bíblico relata que todo o povo, perplexo, correu para junto dos apóstolos no local denominado Pórtico de Salomão. A reação da multidão é compreensível do ponto de vista humano: diante do sobrenatural, a tendência natural é buscar a fonte de poder visível. Os olhos de todos estavam fixos em Pedro e João, como se eles fossem portadores de uma habilidade mística especial ou de uma santidade superior que lhes permitisse manipular a realidade.

É neste momento crucial que Pedro intervém para corrigir a percepção equivocada do povo. Em vez de aceitar a glória ou permitir que a multidão os exaltasse, o apóstolo redireciona imediatamente o foco. A sua pergunta retórica é cortante e fundamental para a teologia cristã:

*"Homens israelitas, por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (Atos 3:12)*

Pedro desmonta duas suposições comuns da religiosidade humana: a ideia de que o milagre ocorre pelo **poder próprio** do líder religioso ou pela sua **pietade** (santidade/mérito). Ele deixa claro que a operação do sobrenatural não é um atestado de mérito pessoal dos apóstolos, nem fruto de uma capacidade humana intrínseca.

Para fundamentar o milagre, Pedro conecta o evento diretamente à tradição e à história daquele povo, invocando o "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". Ao fazer isso, ele estabelece que o que aconteceu não é uma inovação estranha ou uma ruptura com o Deus de seus pais, mas sim a glorificação do Servo Jesus.

Há um contraste dramático estabelecido na narrativa de Pedro. Ele aponta que o Deus dos patriarcas glorificou a Jesus, a quem o povo havia traído e negado diante de Pilatos. A acusação é severa e expõe a contradição moral daquela sociedade:

*"Vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas." (Atos 3:14-15)*

Aqui reside a verdadeira fonte de poder. O milagre não aconteceu porque Pedro e João eram especiais, mas porque **Jesus está vivo**. A cura física do coxo serviu como uma prova tangível da Ressurreição. Se Jesus estivesse morto, seu nome não teria poder. O fato de o homem andar era a evidência de que o "Autor da Vida", embora assassinado pelos homens, foi vindicado por Deus.

Pedro conclui esta explicação enfatizando que foi a fé no nome de Jesus que fortaleceu aquele homem. A saúde perfeita foi restaurada não por mágica, mas pela autoridade do Cristo ressurreto. O sinal, portanto, não tinha o propósito de exaltar os mensageiros, mas de validar a mensagem de que a morte não conseguiu reter o Messias.

---

## O Foco da Pregação: Ressurreição, não Apenas Cura

Um dos pontos mais intrigantes da narrativa de Atos 3 é o conteúdo da mensagem de Pedro imediatamente após o milagre. Ao analisar o texto com atenção, percebe-se que o discurso do apóstolo não é uma "teoria sobre como receber milagres", nem uma promessa de que todos os presentes seriam curados de suas enfermidades físicas.

Se observarmos a prática contemporânea, é comum que, após um evento sobrenatural, a pregação

gire em torno da repetição daquele feito: "Tenha fé como este homem e você também receberá". No entanto, a escritura nos mostra um caminho diferente. O texto bíblico relata que o homem coxo pediu uma esmola, não a cura. A iniciativa partiu de Pedro e João, impulsionados pelo Espírito, e não necessariamente de uma fé prévia do homem em ser curado naquele instante.

Pedro não utiliza o evento para promover uma campanha de cura, mas para anunciar a **Ressurreição**. O milagre serviu como um sino que tocou para atrair a atenção das pessoas, mas a mensagem principal não era o sino; era o que ele anunciava.

*"Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor." (Atos 3:19)*

A ênfase recai sobre a mudança de vida (metanoia) e a realidade espiritual. Pedro confronta os israelitas com a necessidade de arrependimento, ligando a cura física do coxo à necessidade de cura espiritual da nação. O raciocínio é teológico: os sinais miraculosos — como cegos vendo, mudos falando e coxos andando — são evidências de que o Reino de Deus entrou em choque com a realidade humana caída.

Quando Jesus (e seus apóstolos em Seu nome) realiza um milagre, Ele está demonstrando como é a realidade no Seu Reino:

- No Reino de Deus, ninguém é surdo; por isso o surdo ouve.
- No Reino de Deus, ninguém é coxo; por isso o paralítico anda.
- No Reino de Deus, a morte não existe; por isso os mortos ressuscitam.

O milagre é, portanto, um **sinal** (do grego *semeion*) que aponta para uma realidade superior e eterna. Ele não é um fim em si mesmo. Se o foco fosse apenas o bem-estar físico, a pregação seria incompleta, pois mesmo aquele homem curado eventualmente morreria. O foco de Pedro é garantir que, através daquele sinal, a multidão compreenda que a verdadeira vida — a vida eterna e ressurreta — está disponível através de Jesus.

Assim, a pregação redireciona os ouvintes de uma expectativa de *solução de problemas temporários* para a necessidade urgente de *reconciliação eterna*. A cura do corpo aponta para a restauração de todas as coisas, que culminará no retorno de Cristo, mas a porta de entrada para essa nova realidade é o arrependimento e a fé na Ressurreição.

---

## A Continuidade das Escrituras: De Moisés a Cristo

Para validar a sua mensagem diante de uma audiência judaica dentro do próprio templo, Pedro não apela para uma nova doutrina, mas recorre à autoridade suprema daquele contexto: as Escrituras Sagradas. O apóstolo demonstra que o evento do Pentecostes e a cura do coxo não eram desvios da fé, mas o cumprimento exato daquilo que foi profetizado por séculos.

Pedro estabelece uma linha contínua de revelação que culmina na pessoa de Jesus. Ele começa citando Moisés, o grande legislador de Israel, referindo-se à profecia de Deuteronômio:

*"O Senhor Deus vos levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo." (Atos 3:22-23; cf. Dt 18:15, 19)*

Ao invocar Moisés, Pedro afirma que Jesus é o profeta prometido, aquele cuja autoridade supera a do

próprio Moisés. Em seguida, ele amplia o escopo mencionando "todos os profetas, desde Samuel e todos quantos depois falaram", afirmando que todos eles anunciaram "estes dias".

*"O Senhor, seu Deus, fará com que do meio de vocês, do meio dos seus irmãos, se levante um profeta semelhante a mim; a ele vocês devem ouvir. De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas." (Deuteronômio 18:15,19)*

Esta perspectiva transforma a leitura do Antigo Testamento. Segundo a argumentação apostólica, o foco das escrituras hebraicas não era apenas a história política da nação de Israel, a sucessão de reis terrenos ou a conquista territorial. O objetivo central da profecia bíblica sempre foi **Cristo**.

- **Moisés** apontava para um libertador maior.
- **Samuel** e a linhagem de Davi apontavam para um Rei Eterno.
- **Abraão** recebeu a promessa de que "na sua descendência seriam benditas todas as famílias da terra" (Gn 12:3; At 3:25).

*Abençoarei aqueles que o abençoarem e amaldiçoarei aquele que o amaldiçoar. Em você serão benditas todas as famílias da terra. (Gênesis 12:3)*

Pedro reinterpreta a aliança abraâmica: a bênção não é restrita a uma etnia ou a um território demarcado, mas é uma promessa universal de salvação ("todas as famílias da terra") que se cumpre em Jesus. O Antigo Testamento, portanto, deixa de ser apenas a crônica de um povo no deserto rumo a uma terra física e passa a ser entendido como a sombra de uma realidade espiritual maior: a peregrinação de um povo (a Igreja) através do deserto deste mundo, guiados não apenas por uma nuvem, mas pelo Espírito, rumo à verdadeira Terra Prometida, o Reino dos Céus.

A conclusão teológica é que a história bíblica não converge para o estabelecimento de um estado político, mas para a ressurreição e a formação de uma nova humanidade em Cristo.

---

## O Choque de Realidades: Religião versus Reino de Deus

A pregação de Pedro no templo revela uma das contradições mais profundas da história humana: o conflito entre a religião institucionalizada e a manifestação viva de Deus. O apóstolo dirigia-se a homens piedosos, israelitas que estavam no "Templo de Deus", praticando a "religião de Deus", sob a liderança de "sacerdotes de Deus" e lendo a "Lei de Deus". No entanto, foram exatamente estas estruturas e pessoas que entregaram à morte o "Filho de Deus".

Esta dissonância cognitiva levanta uma questão fundamental: se a religião oficial perseguiu e matou o autor da vida, um dos dois lados não representa verdadeiramente a Deus. A narrativa sugere que a religião pode existir como um sistema autônomo de regras, ritos e dogmas, funcionando perfeitamente mesmo sem a presença genuína do divino.

Para compreender esta distinção, é útil analisar os pilares que frequentemente sustentam a religiosidade humana em contraste com o Reino de Deus. A religião, em seu sentido negativo e legalista, opera geralmente sobre uma base transacional fundamentada em três motivadores:

1. **O Medo:** O indivíduo cumpre ritos e sacrifícios para apaziguar uma divindade irada, temendo punições ou castigos caso falhe.
2. **A Culpa:** A consciência do erro leva a uma tentativa constante de "pagar" pelo pecado através de penitências ou ofertas, num ciclo interminável de endividamento moral.
3. **O Benefício:** A relação com o divino é pautada pelo interesse de troca — "eu faço isso para

que Deus me dê aquilo". A obediência torna-se uma moeda para comprar favores ou prosperidade.

Neste sistema, o fiel é um prisioneiro de sua própria performance. Se ele sai da linha, perde a "cobertura" ou a bênção.

Em total oposição, o Reino de Deus apresentado no Evangelho opera pela lógica da **Graça**. A cura do coxo na Porta Formosa ilustra isso perfeitamente: o homem não fez nada para merecer o milagre; ele pediu uma esmola e recebeu uma nova vida. No Reino, a motivação para a devoção não é o medo, a culpa ou a barganha, mas a **gratidão** e o **amor**.

"Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna." (João 6:68)

Imagine duas pessoas em um mesmo culto. Ambas cantam, oram, se ajoelham e ofertam. Externamente, suas ações são idênticas. Porém, internamente, habitam universos opostos.

- A primeira faz tudo isso porque se sente culpada, teme o inferno ou deseja uma bênção financeira. Ela está presa à religião.
- A segunda faz as mesmas coisas porque se reconhece amada, perdoada e salva sem méritos próprios. Ela é livre no Reino.

A denúncia de Pedro — "vós matastes o Autor da vida" — é um convite para abandonar a religiosidade que aprisiona e mata, para abraçar a fé que vivifica. A conversão (metanoia) proposta não é apenas uma mudança de moralidade, mas uma troca de sistema operacional: sair da tentativa de controlar Deus através de ritos para um relacionamento de confiança no Deus que já nos aceitou em Cristo.

### ☐☐ Quem eram os Saduceus e por que se irritaram?

Para entender a reação violenta narrada em Atos 4, é crucial distinguir os dois principais grupos religiosos da época:

- **Os Saduceus (Os acusadores):** Eram a elite sacerdotal e aristocrática que controlava o Templo e o Sinédrio (o tribunal judaico). Eram conhecidos pelo pragmatismo e materialismo: **não acreditavam na ressurreição**, na vida após a morte, nem em anjos ou espíritos. Aceitavam apenas os cinco livros de Moisés (Torá) e rejeitavam as tradições orais.
- **Os Fariseus:** Eram mestres da lei com grande influência popular nas sinagogas (classe média). Ao contrário dos saduceus, eles **acreditavam na ressurreição**, no juízo final e no mundo espiritual.

**O ponto de tensão:** Quando Pedro e João pregavam "em Jesus a ressurreição dentre os mortos" dentro do Templo, eles estavam atacando o dogma central dos Saduceus no próprio território deles. Para os líderes do Templo, aquilo não era apenas uma heresia teológica, mas uma ameaça à sua autoridade política.

---

## Conclusão: Metanoia e a Vivência no Deserto

A mensagem final extraída do evento na Porta Formosa e da subsequente pregação de Pedro culmina em um convite urgente: "**Arrependei-vos e convertei-vos**". No original grego, a palavra

para arrependimento é *metanoia*, que significa literalmente uma mudança de mente. Não se trata apenas de remorso emocional, mas de uma troca completa da "mentalidade" — como substituir o software de operação da vida.

Esta *metanoia* é essencial para compreendermos a nossa jornada atual. A narrativa bíblica utiliza frequentemente a metáfora do deserto. Assim como o povo de Israel caminhou pelo deserto rumo à Terra Prometida, a Igreja caminha neste mundo. Deus provê o maná, a água da rocha, a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite; Ele sustenta sobrenaturalmente o Seu povo. No entanto, o deserto continua sendo deserto.

O erro comum da religiosidade é tentar transformar o deserto em paraíso através da exigência de milagres constantes, ou desanimar quando o milagre não acontece. A perspectiva do Reino nos ensina que os sinais (curas, provisões) são "frestas" da eternidade que iluminam o nosso tempo presente. Eles nos lembram de que existe uma realidade superior onde não há dor, nem choro, nem morte. Quando um coxo anda, o Reino está dizendo: "Na minha realidade, todos andam".

Portanto, a vida cristã madura não é a garantia de ausência de problemas, mas a certeza de uma nova natureza em meio aos problemas. É viver com os pés neste chão árido, mas com a cabeça e o coração ancorados na eternidade.

O verdadeiro milagre, superior até mesmo à cura física daquele homem, é o **novo nascimento**. É a capacidade de um ser humano, viciado em si mesmo e na sua religiosidade de troca, morrer para o seu ego e renascer para Cristo. Talvez o maior sinal que possamos oferecer ao mundo não seja apenas o sobrenatural visível, mas o milagre de um caráter transformado: homens e mulheres que perdoam o imperdoável, que amam sem esperar retribuição e que mantêm a paz em meio à tempestade.

Assim, o chamado que ecoa desde o Pórtico de Salomão até os dias de hoje permanece o mesmo: abandonarmos a religião do medo e da culpa para abraçarmos a vida ressurreta em Cristo. Enquanto caminhamos neste mundo, somos convidados a ser "sinais" vivos desse Reino vindouro, novas criaturas que, embora pisem na velha terra, já respiram o ar da Nova Jerusalém.

---

A Casa da Rocha. #08 - Sinais apontam para o Reino - Zé Bruno - Meu Caro Amigo 2 .  
Disponível em: <https://youtu.be/v7A9Xg4jn24?list=PLkbDR2iRMv7uF1bg8Y0ieodN5mroiNLqU>